

Escrita de si e diários: construções do gênero diante de paradigmas socioculturais

Self writing and daily: the gender constructions on socio-cultural paradigms

Letícia Portella Milan*

Resumo: Os diários se constituíram como modos típicos da escrita de si feminina, desde que as mulheres conquistaram o direito à alfabetização, servindo como um instrumento para a construção do ser; uma maneira de se conhecer e de se fazer conhecer. O objetivo deste trabalho está em situar os diários íntimos como práticas culturais pertencentes, geralmente, às classes sociais abastadas, nas quais as mulheres estiveram delegadas a praticar a escritura, com o intuito de construir sua feminilidade. O presente trabalho faz parte de um projeto de pesquisa que tem como tema uma investigação histórica sobre os espaços de lazer e sociabilidade da elite pelotense na década de 1950. O principal ponto de referência para este estudo constitui-se no diário pessoal de Clarice Tavares Xavier, jovem pertencente a uma tradicional família gaúcha que, através do seu olhar, descreve o seu cotidiano e as diferentes impressões que tinha sobre os lugares que frequentava na cidade de Pelotas.

Palavras-chave: Diários íntimos. Elite. Lazer.

Abstract: Daily constituted as typical ways of female selfwriting, since women won the right to literacy, serving as a tool for being construction; a way of knowing and making to know. The aim of this work is to situate the diaries as a part of cultural practices usually made by the wealthier, where women were delegated to practice writing in order to build your femininity. This study is part of a research project whose theme is a historical research on the leisure and sociability of Pelotas elite in the 1950s. The principal reference point for this study constitutes the personal diary

* Mestranda em História pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL).

of Clarice Tavares Xavier, a young gaucho girl came from a traditional family. Behind her eyes, she describes your daily life and the different impressions that she had about the places once passed by in the Pelotas city.

Keywords: Inner Diaries. Elite. Leisure. Activity.

A cidade de Pelotas está localizada no sudeste do Rio Grande do Sul e, no século XIX, foi marcada por uma intensa atividade fabril, cuja produção de carne-seca abastecia as *plantations* cafeeiras e açucareiras do Brasil. Em vista disso, o crescimento da cidade foi ocasionado, principalmente, pelo desenvolvimento dessas charqueadas, que proporcionaram o surgimento de uma rica elite ao sul do Brasil, que continuou concentrando poder político e prestígio, ao longo do século XX. O espaço público construído pelos grandes charqueadores pelotenses buscava atender uma demanda de estrutura e sociabilidade, a qual estava intrinsecamente interligada com a condição econômica das famílias. Conforme Muller (2010, p. 19): “o uso do tempo livre para o lazer revestia-se de um sentido social, englobando características ostentatórias, constituindo-se, desde o início, em elemento de diferenciação social”. A forma de ocupar o tempo livre estava relacionada à condição econômica das famílias, como é de se supor. Portanto, essas procuraram criar ou ocupar espaços de sociabilidade que as diferenciavam do resto da população.

Após a constituição e análise de um corpus documental baseado em diários foram anotados diversos assuntos, mas os temas lazer e espaço de sociabilidades foram os mais evidentes. Ao analisar os estudos sobre estes assuntos percebemos a falta de pesquisas, que compreendam quais eram os hábitos culturais e de lazer em meados do século XX, assim como também a maneira como a elite pelotense elaborou tais espaços durante uma época de relativa decadência econômica da cidade.

O presente artigo faz parte de um projeto de pesquisa mais amplo, que busca estudar de que maneira era utilizado o tempo livre das famílias de boa condição econômica no século XX. Utilizando como fonte primária o diário de Clarice Tavares

Xavier¹, moça pertencente a uma família de notável relevância política e social na história do Rio Grande do Sul², pretende-se delinear quem constituía a elite pelotense no período, que lugares ela frequentava, de que maneira utilizavam de seu tempo livre, assim como também refletir, por um viés de gênero, o modo como as mulheres pertencentes a estas mencionadas famílias de elite sentiam-se, se construía e eram percebidas nesses espaços.

Neste artigo pretendemos fazer uma reflexão sobre “gênero” associada ao uso dos diários íntimos como uma prática cultural pertencente às pessoas que tinham poder aquisitivo para desenvolver uma escritura de caráter individualista. Ao colocarmos as mulheres como protagonistas destas produções, é necessário perceber a especificidade desta prática por um viés de gênero tanto pela possibilidade da descoberta/preservação dessa fonte, assim como pela reflexão da especificidade da memória feminina enquanto protagonista do seu próprio eu.

O método utilizado para trabalhar com diários pessoais está em problematizar a fonte, tendo em vista que ela não é portadora da verdade e, portanto, as informações devem ser cruzadas com outras fontes. É importante interpretarmos os diários como escritos que criam realidades, logo, o que o diário de uma jovem pode nos dizer sobre a sociedade pelotense? Neste caso, o diário de Clarice Tavares Xavier pouco nos diz sobre uma verdade construída sobre a elite pelotense, porém através de sua ótica ela pode nos dizer o que viu, sentiu e experimentou nos seus momentos de lazer e sociabilidade com outras pessoas. Abaixo, colocamos um exemplo de como Clarice conduz a escrita de seu Diário:

¹ Diário de Clarice Tavares Xavier (9 de maio de 1954 até 27 de fevereiro de 1955. Acervo pessoal da autora).

² Justifica-se Clarice Tavares Xavier como pertencente à elite pelotense devido a grande aquisição econômica de sua família. Seus pais eram Amélia Silva Tavares e João Feliciano Xavier. Amélia era filha de Umbelinda Silva Tavares, e seu avô era Joaquim da Silva Tavares (Barão de Santa Tecla), rico charqueador da cidade de pelotas na qual pode-se ter maiores informações na tese de Jonas Moreira Vargas “PELAS MARGENS DO ATLÂNTICO: Um estudo sobre elites locais e regionais no Brasil a partir das famílias proprietárias de charqueadas em Pelotas, Rio Grande do Sul (século XIX)”. O pai de Clarice era médico na cidade de Pelotas e aqui chefiou o corpo médico da Santa Casa, por vários anos. Foi chefe do Pronto-Socorro Municipal, professor da Faculdade de Odontologia e médico do Instituto Agrônomo do Sul e da Companhia Rio-grandense de Seguros. Também foi um dos fundadores e primeiro presidente do Hospital de Clínicas Doutor Francisco Simões.

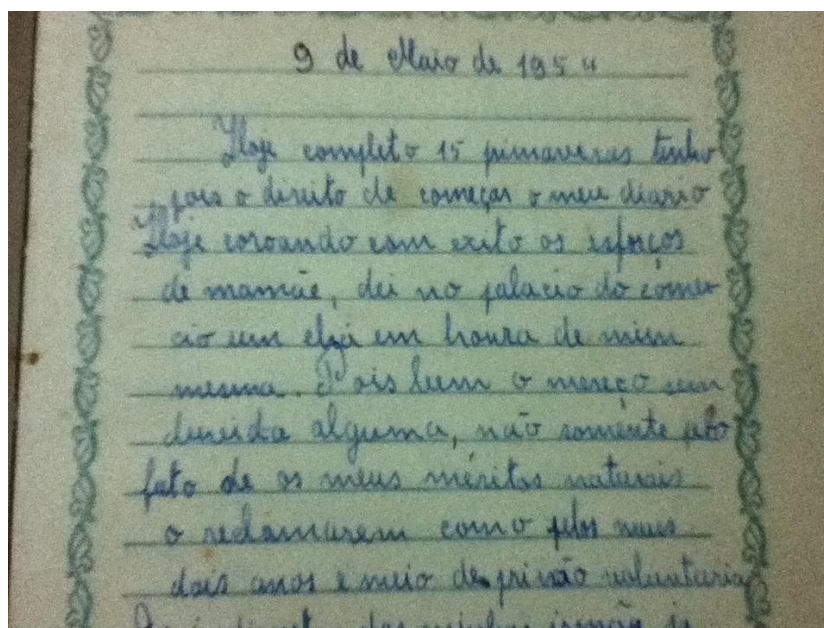


Imagem 1 - Primeira folha do Diário. Fonte: Diário de Clarice Tavares Xavier (9 de maio de 1954). No texto é dito que: “Hoje completo 15 primaveras tenho, pois, o direito de começar meu diário. Hoje coroando com êxito os esforços de mamãe, dei no palácio do comércio um chá em honra de mim mesma. Pois bem o mereço sem dúvida alguma, não somente pelo fato de os meus méritos naturais o reclamarem como pelos meus dois anos e meio de prisão voluntária”.

Para compreender a singularidade de um diário feminino é preciso ter consciência de que os documentos históricos, sendo eles oficiais ou não, foram praticamente escritos e registrados por homens, uma vez que as mulheres tiveram menos acesso aos direitos sociais, civis e políticos, o que inclui o alcance à educação escrita. Por esta razão, o que restou da memória da maioria das mulheres esteve estritamente relacionado a objetos, geralmente conectados ao âmbito familiar. Esses arquivos pessoais geralmente guardaram joias, enxovais, fotos e tudo que diz respeito ao íntimo. Mas e as lembranças escritas? Essas foram delegadas a um pequeno grupo de mulheres letradas, que poderiam ter guardado cartas ou então diários. O problema é que, geralmente, esses documentos são perdidos de vista com o passar dos anos. Na história houve pouquíssima valorização da escrita feminina e, por vezes, essas mesmas encontraram uma maneira de descartar suas próprias memórias.

Joan Scott, uma historiadora feminista e estudiosa sobre as relações de gênero, nos traz uma reflexão importante sobre o ofício do historiador sublinhando que não devemos escrever “a respeito do que aconteceu a homens e mulheres e como eles

reagiram a isso, mas sim a respeito de como os significados subjetivos e coletivos de homens e mulheres, como categorias de identidades foram construídos” (SCOTT, 1994, p.19). No caso do estudo aqui explanado, devemos dar enfoque na maneira como as mulheres construíram seu próprio eu. Considerando as contribuições de Scott pensamos em gênero como “uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado” (SCOTT, 1995, p.75). Trata-se de “um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos e o gênero é um primeiro modo de dar significado às relações de poder” (Idem, p.86). Essas relações de poder podem ser percebidas quando Michelle Perrot (1989) explica sobre a dificuldade de encontrar documentos que dão vozes às mulheres e menciona a importância dos diários como locais que recordam a visão feminina de dado contexto e momento histórico. Segundo Perrot (1989), no século XIX, a prática da leitura era algo impróprio quando feito por mulheres, portanto, a escrita também era considerada divergente dos propósitos aos quais elas deveriam alcançar: o casamento e o lar. “Desse modo, as mulheres, frequentemente, apagam delas mesmas as marcas que adquiriram dos passos que deram no mundo, como se deixá-las transparecer fosse uma ofensa à ordem” (PERROT, 1989, p.12).

Maria Teresa Cunha (2007), ao contextualizar acerca da produção de diários femininos, nos indica essa prática inserida em uma concepção econômica burguesa focada para as mulheres. Essa concepção propõe uma casa burguesa com espaços individualizados, em especial com o auxílio de um quarto próprio, que possibilitava um reduto para a escritura desses diários. Isso indica o quanto a condição do lar permitia o desenvolvimento dos pensamentos sobre a vida íntima, das questões cotidianas, dos sentimentos e assim por diante. Talvez por esse motivo as mulheres das classes populares, em geral, estavam excluídas dessa prática, uma vez que não possuíam condições materiais e até residenciais que lhes garantissem maior intimidade ou isolamento. Philippe Lejeune (1997), em seus estudos com diários, nos alerta sobre a escassez de diários de rapazes, isso por que as garotas são ensinadas a escrever diários dentro do sistema educacional³ que quer ensiná-las a disciplinarem-se a serem boas esposas, mães e cristãs. O diário seria uma forma de autovigilância e autodisciplina para as funções sociais para as quais as mulheres estavam vinculadas.

³ Clarice estudou durante sua vida em colégios religiosos como São José em Pelotas e em um internato em São Leopoldo.

As escrituras desses diários, entretanto, eram também condenáveis pela igreja católica⁴, na medida em que essa prática pudesse despertar vaidades e outras tentações de forma literária, sendo essa, talvez, a razão pelo descarte de muitos diários femininos. Em suma, quando Joan Scott (1995) nos indica que o gênero diz respeito a dimensões simbólicas, normativas, institucionais e subjetivas, quer dizer que as várias instâncias da sociedade como a escola, igreja e família influenciam na construção (e diferenciação) do poder entre homens e mulheres⁵.

Nesse sentido, podemos afirmar que os diários pessoais podem ser considerados fontes raras que sobreviveram ao tempo e ao descarte, e que ao terem sido produzidos por mulheres ganham uma conotação diferente, pelo fato delas terem tido pouco acesso ao domínio da escrita e ao direito de escrever algo sobre si.

Contudo, para aquelas que tiveram a vivência de escrever o diário, tal fato serviu como um meio de conhecer e se fazer conhecer. A escrita de si também ajudou na construção dos próprios indivíduos, por isso o diário pode ser considerado: “[...] uma escritura essencialmente de dentro, onde os sentimentos, as sensações internas, ocupam um grande lugar, uma escritura que rejeita uma organização formal, uma escritura essencialmente do registro do descontínuo, do efêmero” (DIDIER, 1992 *apud* CUNHA, 2007). Através deste tipo de fonte podemos ter acesso à memória familiar, aos acontecimentos de uma determinada época, a linguagem e aos comportamentos.

Ângela de Castro Gomes (2004), ao tratar sobre o assunto, afirma que essa prática está relacionada à modernidade, ou melhor, ao desenvolvimento da sociedade em relação ao indivíduo ou à construção da noção de individualidade. Como a autora afirma:

Na medida em que a sociedade moderna passou a reconhecer o valor de todo indivíduo e que disponibilizou instrumentos que permitiram o registro de sua identidade, como é o caso da difusão do saber ler, escrever e fotografar abriu espaço para legitimidade do desejo de

⁴ Clarice, católica praticante, geralmente frequentava retiros. Ela indica em uma passagem do diário a supressão da escrita feminina pela igreja: “Hoje estou em um retiro que sempre me faz recordar os outros passados em S.Leopoldo. Em 51 com a Ceneida Lothaner e a Yeda Hatinger. Em 52 com Pouth Ruschel e em 53 com juju. Lembro-me dos meus diários públicos cheios de cousas picantes e dos meus romances” (Diário de Clarice Tavares Xavier-19 de agosto de 1954).

⁵ Estabelecido como um conjunto objetivo de referências, os conceitos de gênero estruturam a percepção e a organização concreta e simbólica de toda a vida social. Na medida em que essas referências estabelecem distribuições de poder (um controle ou um acesso diferencial aos recursos materiais e simbólicos), o gênero torna-se implicado na concepção e na construção do próprio poder (SCOTT, 1995, p.88).

registro do homem “anônimo”, do “indivíduo comum”, cuja vida é composta por acontecimentos cotidianos, mas não menos fundamentais a partir da ótica da produção de si (GOMES, 2004, p.13).

Essa noção de individualidade estendida às mulheres esteve relacionada a um projeto educativo voltado às necessidades da sociedade moderna. Entretanto, é necessário pensar que essa conquista não extinguiu o local de submissão destinado às mulheres. Estes diários íntimos foram incentivados, com objetivo de ser um meio de reflexão e controle sobre si estipulado por um modelo de conduta da sociedade patriarcal moderna.

O artigo pretende, portanto, através do diário de Clarice, perceber como as relações de gênero podem ser compreendidas na construção e inscrição da memória feminina, além de mostrar como uma moça se sentia em sociedade e o que a sociedade esperava dela, no caso, de uma jovem da elite. Neste sentido, uma passagem interessante a respeito desse fenômeno pode ser vista em uma coluna de um jornal, que Clarice anexou entre as páginas de seu Diário, mas que não apresenta a data correta:

Glamour Girl- Muito entusiasmo e tudo para assistência social

Faz conversa a nossa enquete bem para escolha da Glamour Girl da cidade, em festa beneficente às menores desamparadas a ser realizada por este cronista em outubro próximo. Votem todos, e auxiliem a nossa campanha de assistência social. No jornal da Tarde há uma urna de votos. Posso adiantar as moças que estão sendo votadas, pois os leitores só tem falado bem delas... Nailê Russomano de Mendonça Lima, Gislâine Schoroeder (em grande evidência), Lêda Fernandes, Loila Weimar, Edelma Zabaleta, Heloisa Helena Sampaio, Inês Soares...e outras... e outras

Srta. Clarisse Xavier - muito simpática, e muito atenciosa no ambiente. Desgosta de gente faladeira, acha ótimo o mambo, gosta de escrever cartas, sendo, pois sua atividade predileta a troca de correspondências. Sua cor o vermelho. Seu destino a Faculdade de Direito, o resto.. são tantas coisas, pois não. Contou na nossa lista dos sete melhores partidos para 55 o que fez muita conversa. É muito morena e de uma simplicidade que vale por uma bem posta coluna social. É filha do sr. e da sra. Dr.João Xavier (Diário de Clarice Tavares Xavier, 9 de maio de 1956).

Nota-se, nesta reportagem, o quanto a sociedade pelotense visava a atenção das moças de elite para a prática da caridade, assim como as referenciavam de acordo com suas famílias. Ana Paula Vosne Martins (2015), esclarece que nem sempre a filantropia esteve atribuída a uma prática feminina. Desde o século XVIII, na Europa, as mulheres buscaram na crítica iluminista e na religião os argumentos para a defesa de suas capacidades morais e intelectuais onde, através da fé, utilizaram a caridade como ação pública. “Em decorrência desta paisagem emocional que começa a se descortinar no século XVIII, algumas mulheres de classes médias usaram a seu favor qualidades que até então eram menos valorizadas pelo discurso racionalista, como a bondade” (MARTINS, 2015, p.18). Como afirma a autora, a bondade, que até então era considerada virtude, passa a ser cada vez mais associada a uma qualidade feminina, através dos livros de escritoras mulheres que viram nessa qualidade uma forma de se empoderarem sem quebrar a ordem entre os sexos. Esse processo de naturalização da bondade, juntamente com apoio da igreja, ofereceu às mulheres do século XIX a base de sua defesa para se organizarem nas questões sociais de caridade. Por isso, segundo a autora:

A ideologia de gênero formulada naquele contexto de aburguesamento da sociedade e da cultura não pode, portanto, ser vista somente pelo prisma do enclausuramento das mulheres em seus lares e no exercício da maternidade, embora ele tenha sido um fato e uma realidade opressiva para a maioria das mulheres (MARTINS, 2015, p.18).

A posição dessas mulheres nos espaços de caridade se tornou um meio, através do qual elas se colocavam como agentes sociais na sociedade. Algumas delas perceberam que este poderia ser um caminho promissor para colocarem em prática suas ideias reformistas e, como notaram algumas lideranças femininas da época, pela filantropia, as mulheres poderiam ser reconhecidas por sua “utilidade social”. No caso de Pelotas, embora as propagandas filantrópicas estivessem estampadas nestes jornais e circulassem entre os setores letrados da sociedade pelotense, para as famílias da elite local, era importante terem os seus membros mencionados nas páginas de colunistas sociais, de maneira elogiosa, pois o comportamento exemplar das moças podia agregar um valor simbólico à família, permitindo à mesma uma maior e melhor inserção nos círculos de sociabilidade reservados aos setores mais

abastados, favorecendo alianças políticas e possíveis casamentos entre os seus herdeiros. Porém, como alerta Ana Paula Vosne Martins (2015), a filantropia nem sempre deve ser tratada como uma forma de conquista por *status* de classe, ela também serviu para tirar as mulheres de seus lares de forma que propiciaram novas experiências com as quais não tinham contato. Em suma “as muitas atividades que envolviam este tipo de trabalho voluntário estão na origem de uma nova experiência nesse espaço intermediário entre o público e o privado e, posteriormente, na organização das profissões da assistência social, como a enfermagem e o serviço social” (MARTINS, 2015, p.26)⁶.

No decorrer da História muitos outros atributos foram considerados “naturais” às mulheres, no entanto, devemos pensar em como essas naturalizações podem ter influenciado na formação da memória feminina. Questionar quais intencionalidades houve para que Clarice quisesse, por exemplo, guardar aquela reportagem como memória em seu diário nos remete a pensar no que é importante de ser guardado por uma mulher.

Michelle Perrot (1989) considera a escrita feminina específica, ao considerar que a condição de gênero imposta às mulheres esteve predominantemente no ambiente familiar. À mulher coube a memória do privado, sempre direcionada ao íntimo. Isto fez com que as memórias da escrita íntima de mulheres se tornassem diferentes das dos homens, pois as perspectivas sobre os ambientes, pessoas e acontecimentos são vistas e marcadas por vieses diferentes.

Dessa forma se pensarmos na noção de verdade que as escritas ordinárias trazem, a verdade torna-se subjetiva de acordo com o indivíduo, ou seja, o indivíduo constrói e registra memórias sobre os aspectos cotidianos de forma diferenciada. Pensando de forma plural nas questões subjetivas e de gênero, se colocarmos o conteúdo inscrito nos diários de Clarice em comparação a outros estudos que analisaram diários, visualizaremos muitas semelhanças.

⁶ Segundo pesquisa feita no jornal “A Opinião Pública” no dia 5 de julho de 1954, Clarice fez parte da inauguração de uma instituição de caridade para crianças pobres onde ela possuía o cargo de tesoureira. Se considerarmos que essas atividades propiciaram experiências que colocaram as mulheres no espaço privado através de profissões, torna interessante saber que, Clarice formou-se em Assistência social pela UFRJ, diploma que possibilitou sua inserção em um emprego no INSS.

O estudo de Ana Maria Mauad; Mariana Muaze (2004) e de Vany Pacheco Borges (2002) coadunam na temática das memórias femininas. A saber, as teóricas abordam perspectivas que revelam a forma e o conteúdo descritivo do cotidiano das mulheres que pretendem analisar. Nessa perspectiva, observamos que o recorte das personagens dessas autoras, tangenciam uma visão familiar, bem como de administração dos espaços em que transitavam. Para ilustrar tais aspectos, dois exemplos conotativos são revelados a partir dos diários da Viscondessa do Arcozelo e de Eugénie. Ambas refletem temporalidades ligadas ao seio familiar, sendo que a primeira transita a partir dos marcos temporais de seus filhos e a segunda através dos eventos de seu marido⁷. Assim, é perceptível o que Perrot (1989) afirma, “os modos de registro das mulheres estão ligados à sua condição, ao seu lugar na família e na sociedade. O mesmo ocorre com o seu modo de rememoração, da montagem propriamente dita do teatro da memória” (PERROT, 1989, p.15).

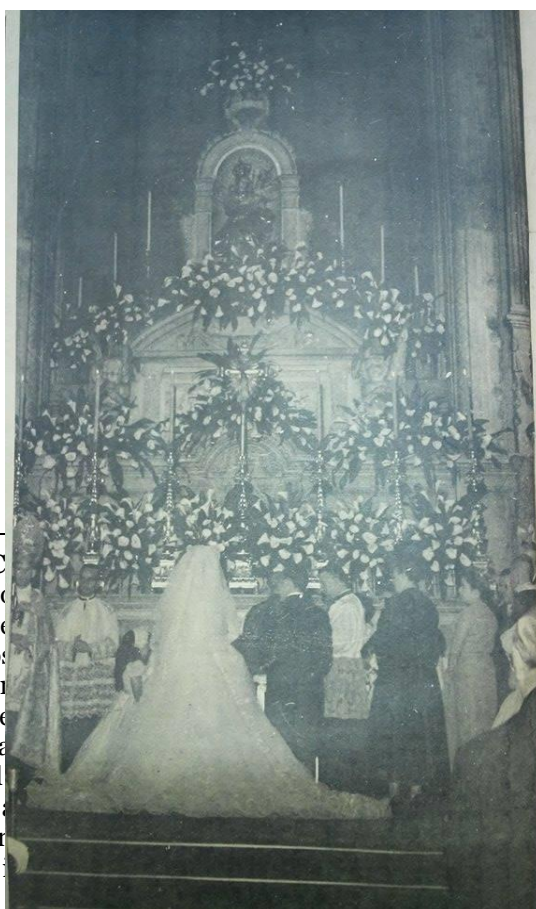
Contudo, o diário de Clarice não envolve o sentimentos de mãe ou esposa por que perpassa o momento de sua juventude, ou melhor, a chegada das quinze primaveras onde a moça é apresentada para sociedade como disponível para o casamento, ou seja, é o momento em que ela está autorizada a frequentar vários espaços de sociabilidade para conhecer pretendentes. Na tentativa de exemplificar as especificidades do registro feminino de Clarice inserimos passagens do diário que nos esclarecem o que ela buscava registrar do seu cotidiano e dos aspectos dos acontecimentos vivenciados. Uma das passagens mostra a maneira como ela registrou os detalhes do casamento de sua prima Vera Tavares com Manuel Vargas (filho de Getúlio Vargas):

Terça -Casamento Vera Tavares - Manuel Vargas - Igreja

A candelária é uma maravilha possui três naves a do meio estava ornamentada para o casamento com cartuchos e lírios brancos com folhagens verdes e 4 grandes candelabros dourados com velas. O teto com bordas esculpturadas e douradas a fogo e com lindas pinturas como as botas de Caná e outros quadros bíblicos. As paredes eram forradas de madeira esculpturada e enfeitada sobre colunas de mármore com lanças das cheias de arabescos de ouro que seguravam grande e pequenos globos de luz como uns quantos fealões

⁷ No diário da viscondessa as maneiras de registro estão repletas de uma temporalidade sempre relacionada à vida dos filhos e ao tempo da colheita do café (sustento da casa), já no de Eugénie é marcada pelo casamento, doença e falecimento do marido, na qual ocasionou dificuldades financeiras para a diarista.

estilizados. Sustentando os L púlpitos enormes anjos de mármore. Os bancos eram poltronas separadas e esculpturadas o lugar de ajoelhar estufada. Havia muita gente granfina. As embaixadas orientais foram com seus trajes característicos. A chinesa com seu quimono rosa, a egípcia com um manto solferina bordado com louros dourados. A indiana com um vestido rosa e um manto grená passando pela cabeça. A japonesa com um quimono estampado e o marido com o chapéu característico. A noiva estava com um vestido muito bonito. Na sacristia receberam as felicitações o noivo estava pulando de contente. Dali saímos para a recepção no palácio do Catete. Entramos dois mordomos de casaca duas lindas escadarias forradas de tapete grená uma linda sala com suma grau de mesa forrada de renda cheia de doces de todas as qualidades. No meio o bolo que representava três degraus três colunas entremeados de flores e um belo deusinho romano o cupido. Salas e mais salas com grossos tapetes e esculturas em mármore e madeira dourada. Balcões dando para um jardim todo iluminado cheio de guardas de honra. Três bifés de coisas maravilhosas. Na sala dos presentes uma maravilha: bandejas de prata lalerada de lei e vasos de bacará finíssimos em quantidade. Figuras de todos os tipos em marfim e cristal de marano. Toalhas de renda racine, jogos de porcelana chinesa, tapetes persas e brincos de brilhantes. Enfim tudo que festa jamais reuniria desde Nair de Tefé (Diário de Clarice Tavares Xavier , data não informada).⁸



⁸ Percebe-se a atenção de C concordar com Michelle Perro ,e principalmente, como no re circunstâncias de sua vida no um chapéu. Uma luva, um le anos se diferencia pela toaleto coração: "Naquele dia eu usa segunda pele, a única da qual que as mulheres sejam mais s outro. Pelos olhos elas pensa os homens são normalmente

noiva, portanto, podemos feminina aos objetos do lar a: "Uma mulher inscreve as ma echarpe ou na forma de e o preço. A monotonia dos cimentos que fazem bater o rajada. A vestimenta é sua ncia das aparências faz com em se permitir é o rosto do dam de suas cores, às quais

Figura 2 - Fotos do Casamento de Vera Tavares e Manuel Vargas no palácio do Catete. Fonte: Revista Manchete, 17 de julho de 1954, nº117, Rio de Janeiro.



Imagem 3 - Igreja Candelária. Fonte: Revista Manchete, 17 de julho de 1954, nº117, Rio de Janeiro. ⁹

Existem outras passagens do diário que mostram o contato que Clarice tem com o Rio de Janeiro enquanto local de divertimento e férias, nossa hipótese pelo motivo desse contato talvez fosse um hábito das famílias de elite, sobretudo aquelas com ascendentes na política, frequentarem periodicamente o espaço urbano carioca.

⁹ Ana Maria Mauad (1996) em um artigo intitulado “Através Da Imagem: Fotografia e História Interfaces” nos indica a metodologia histórica-semiótica para o tratamento de imagens como fonte histórica, ela nos alerta que a fotografia deve passar por críticas e ser organizada em séries fotográficas cronologicamente. Para a autora, a fotografia “[...] deve ser considerada como produto cultural, fruto de trabalho social de produção significa. Neste sentido, toda a produção da mensagem fotográfica está associada aos meios técnicos de produção cultural. Dentro desta perspectiva, a fotografia pode, por um lado, contribuir para a veiculação de novos comportamentos e representações da classe que possui o controle de tais meios, e por outro, atuar como eficiente meio de controle social, através da educação do olhar” (MAUAD, 1996, p.11).

O Rio foi a capital do Brasil até os anos 1950, e as famílias de maior riqueza, poder e prestígio social no país provavelmente tinham na cidade um espaço de lazer e sociabilidade muito mais distinto e atrativo que os seus locais de origem. Conforme demonstrou Jonas Vargas (2013), a família Tavares possuía significativa vinculação com o Rio de Janeiro, seja pelo fato de ocupar importantes cargos na política central, seja pela notável acumulação de títulos de nobreza, conferidos pelo Imperador ainda no século XIX. Como apresentado na passagem sobre o casamento, vemos que Clarice esteve presente em um ambiente repleto de figuras políticas importantes e influentes da época, porém não foi este fato que lhe chamou a atenção. Ela preferiu atentar-se a detalhes considerados como tipicamente “femininos” como as roupas, os presentes, o vestido da noiva, a comida e a decoração. Margareth Rago (2001) enfoca sobre como as mulheres têm memória, construção cultural e linguagem específicas devido às diferenças de gênero construídas socialmente. E por isso, ela afirma que a construção da memória feminina é diferenciada:

[...] a inserção social e cultural específicas tem levado as mulheres a exercerem práticas sociais diferenciadas da dos homens, elas constroem uma memória e uma relação com a vida sexualmente muito diferenciadas. E, se bem que as diferenças de gênero não respondem por todas as diferenciações que marcam os processos mnemônicos de mulheres e homens, é visível que cada gênero se organiza e se inscreve socialmente a sua maneira, redesenhando e resignificando seu próprio passado, configurando seu próprio discurso e construindo a sua própria auto-imagem (RAGO, 2001, p.19).

Antonio Paulo Rezende (2004) apresenta o diário de Freyre na qual ele “desenha a vida que viveu com seus traços curvos e retilíneos, no desvendamento de suas vontades e de suas frustrações, de seus projetos intelectuais, de seus autores prediletos, de seu olhar sobre o Brasil, de suas insatisfações com os Estados unidos”(REZENDE, 2004, p.83), ou seja, em comparação às descrições de Clarice poderíamos dizer que, talvez, as memórias de um homem no casamento do filho Getúlio Vargas estivesse muito mais conectada em falar sobre as presenças políticas na festa, visto que, aquele momento representava um contexto conturbado da política brasileira. Portanto, se Clarice não atentou-se a isso, nos parece, que as memórias indicam as lembranças da própria identidade, as reflexões sobre o cotidiano,

dúvidas e angústias que somente estiveram especificamente ligados a experiência feminina. No decorrer do diário, há vários acontecimentos que são registrados diariamente, porém existem informações padrões, ou melhor, uma temporalidade que marca a vida de Clarice que são a presença de rapazes nos eventos, a preocupação com sua estética e suas notas na escola. Na passagem abaixo percebemos a temporalidade do seu dia em torno dos estudos, a presença da questão religiosa (católica) e os julgamentos de Clarice sobre aparências e comportamentos dos outros. Nota-se que seu registro girava em torno de uma preocupação com o seu futuro enquanto mulher na sociedade. Percebemos que o diário não era um reduto de segurança onde ela poderia escrever o que quisesse, assim como também expõe a insegurança sentida sobre o seu peso como um obstáculo que a impedia de dançar e ter relacionamentos com os homens:

Pelotas 25 de Maio de 1954

Já fizeram muitos dias que levantei da cama. Hoje ferrei-me no colégio. 70 quilos? Que barbaridade. Não adianta fazer regime que ninguém leva a sério. Desde a última vez que escrevi fui a diversas festas. Uma foi a do aniversário de Maria Teresa Castro ela estava um amor mas foi tudo mal servido. Fany muito exibida nem me reconheceu e não parou de dançar o tempo todo. Eu não dancei nenhuma vez acho que é por que sou muito gorda. Recebi ontem uma carta de Betinho. Não quero chegar no Rio gorda vou fazer uma novena para Nossa Senhora para não ser sem caráter. Além do aniversário de Teresa fui ao da Yolanda Oliveira e ao da Suzana. Fui ao aniversário de Yolanda com Maria da Graça Tavares e uma amiga dela que é uma tal de Lidinha. Guiando o carro ia um rapa frio de irmão dela. Chegamos a salinha cheia de moças de 18 para cima 2 bonitinhas e o resto feias (cada nariz!). Passamos depois para outra sala que era um pouquinho maior mas ainda muito pequena. Como sempre abriu o baile o Milton Muller [ilegível]. Não dancei logo depois sai para a porta da rua a pretexto de ver os guris que estavam no corredor. Fomos passear de automóvel como sempre eu imperceptivelmente cochilei. Este maldito sono é a praga da minha vida. Maria da Graça já perder um pouco de respeito e acho que por isso. Talvez se eu me mudasse para um centro maior fizesse um pouco de fiasco mas [ilegível]. Não tenho estudado quase.

Aniversário de Susana

Achei um amor o Luiz Eduardo Gastal mas como sempre não dei a perceber talvez nem devesse escrever o nome dele aqui pois sempre ha indiscretas. Eu tenho um medo profundo de ser desprezada e ridicularizada por isso tenho a impressão que nunca arranjarei namorado (Diário de Clarice Tavares Xavier, 25 de maio de 1954).

As hipóteses sobre a angústias de Clarice em relação a sua estética estão sob a cobrança do padrão de beleza de sua época, mas também sobre as influências de leitura e cinema que Clarice assistia. “Revistas como a Cinelândia, Cinearte e Scena Muda levaram ao público, principalmente entre as décadas de 1920 e 1950, formas de educação do corpo baseadas na beleza dos corpos míticos apresentados nas telas de cinema espalhadas por todos os centros das grandes cidades nascentes” (DALBEN; SOARES, 2008, p.240). Na passagem abaixo, é possível notar que ela era uma expectadora desse mercado cinematográfico, tanto pelas suas idas ao cinema, quanto pelas leituras sobre cinema. E novamente demonstra preocupações com a estética, notas e rapazes:

3 outubro de 1954 Domingo

Dormi tarde e fui ao cinema¹⁰ das duas horas com a Beatriz no Capitólio ver “o homem dos papagaios” e as 4 no Guarany ver “Sentinelas do deserto”. Dei uma volta na 15 e vi o Luiz Eduardo, ele deixou o bigode crescer um pouco. Chiquinho me encontrou e deu parabéns pela colaboração para com o “cultarte”. Vim para casa jantei e fui à missa das 8 horas (Diário de Clarice Tavares Xavier, 3 outubro de 1954).

7 outubro de 1954

As eleições estiveram brutas o Pasqualini chegou a ganhar por 6.006 votos e o Brochado a perder por 20. Chegou a última Cinelândia. Acabei de terminar de ler¹¹ “O lírio da montanha de Delly”. Engordei muito nesta última semana e se não estou um boto não me chamo Clarice. Perdi a minha caneta e quero ver se acho mas antes vou ao banheiro ler a Cinelândia. Hoje Zé França foi para Bagé ver a amada e ver se consegue um cantinho no seu grande coração. Minha média aumentou de 5,9 para 6,6 (Diário de Clarice Tavares Xavier, 7 de outubro de 1954).

Em suma, embora a proposta do artigo se concentrou em discutir em torno de como as relações de gênero são influentes na construção de si e da memória dos indivíduos, é pertinente apontarmos que para compreensão das passagens aqui

¹⁰ Constam citações de 38 títulos de filmes que Clarice diz ter assistido no cinema. Esses dados ainda não foram analisados.

¹¹ Constam citações de 8 títulos de revistas e 19 títulos de livros que Clarice diz ter lido. Esses dados ainda não foram analisados.

inseridas e do diário é importante contextualizar o que era a cidade de Pelotas na década de 1950. Se Clarice, por exemplo, era uma assídua expectadora do cinema e passeava de automóvel pela cidade, essas informações nos indicam que Pelotas passava por um momento de urbanização e modernização onde a expansão populacional e econômica transformaram a cidade. Segundo André Luis Borges Lopes (2007) a construção de praças, pavimentação de ruas, construção de prédios altos, e as instituições universitárias davam à pelotas uma função de centro cultural e moderno. E o cinema, atividade lazer preferido de Clarice, foi uma das áreas que esteve amparada por essa modernização.

Considerações finais

Concluimos que ao tratarmos de estudar escritas de si podemos acessar um leque de possibilidades de estudos sobre sensibilidades, as impressões sobre o lazer, sociabilidade, festas, cinema, ou seja, aspectos da vida cotidiana que não estão presentes em documentos oficiais. A leitura do diário, de forma geral, nos remete a refletir sobre aquilo que fontes íntimas nos indicam, ou seja, a memória nacional ou os marcos históricos importantes para os historiadores não estão necessariamente presentes na memória dos indivíduos. Um exemplo disso talvez seja a ausência no diário dos relatos políticos que aconteciam naquele momento, como a sua presença no casamento de Manoel Vargas.

Como já dito anteriormente, a experiência feminina não considerava as mulheres seres pensantes da política, porém para não sermos deterministas, o pensamento político não pode ser considerado excludente às mulheres somente devido a essa experiência e as respectivas relações de gênero, pois é sabido que na História, sempre existiram mulheres que estiveram presentes na luta por sua presença na política. É de suma relevância lembrarmos que os diários são práticas da escrita onde o sujeito reflete sobre si e o mundo em que está inserido, e neste caso, as observações apenas conduziram a uma perspectiva da sociedade pelotense relatadas por uma jovem de elite. Esta por sua vez, como visto na primeira passagem do seu diário, começou a escrevê-lo por direito de ter completado quinze primaveras. Nele desabafou seus sentimentos, seus valores morais, os ambientes que frequentava e sua

opinião sobre os mesmos, a preocupação com suas notas, os gastos cotidianos, leituras e atividades culturais, a moda e indivíduos dois quais ela socializava.

Enfim, o estudo dos diários femininos nos possibilita perceber diferentes visões sobre a sociedade se comparadas às visões masculinas, oportunizando dar voz às mulheres.

Referências bibliográficas

BORGES, Vany Pacheco. “Uma mulher e suas emoções: o diário de Eugénie Leuzinger Masset (1885-1889). **Cadernos Pagu** (19), p.113-143, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n19/n19a06.pdf>, acesso em: 15/04/2016.

CUNHA, Maria Teresa Santos. Do baú ao arquivo: escritas de si, escritas do outro. **Revista Patrimônio e Memória**, v.3, n.1, p. 45-62, 2007. Disponível em: <http://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/8/455>, acesso em: 15/10/2015.

DALBEN, André; SOARES, Carmen Lúcia. A revista Vida e Saúde: modos de olhar e educar o corpo feminino em suas páginas (1940-1950). **Pensar a prática**, v. 11, n. 3, p. 239-250, 2008. Disponível em: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/fef/article/view/5144/4970>, acesso em: 27/11/2015.

GOMES, Ângela de Castro (Org). **Escrita de si, escrita da História**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

VARGAS, Jonas Moreira. “**Pelas margens do Atlântico**”: um estudo sobre elites locais e regionais no Brasil a partir das famílias proprietárias de charqueadas em Pelotas, Rio Grande do Sul (século XIX). Tese (Doutorado), Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, Rio de Janeiro, RJ, 2013.

LEJEUNE, Philippe. Diários de garotas francesas no século xix: constituição e transgressão de um gênero literário. **Cadernos Pagu** (8/9), p.99-114, 1997.

Disponível em:

<http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1879/2000>,
acesso em: 15/04/2016.

LOPES, André Luis Borges. **A modernização do espaço urbano em Pelotas e a Companhia Telefônica Melhoramento e Resistência (1947-1957).**

Dissertação (Mestrado), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS, Porto Alegre, RS, 2007.

MARTINS, Ana Paula Vosne. A feminilização da filantropia. **GÊNERO**, v.15, nº.2, p.13-28, Niterói, 2015. Disponível em:

<http://www.revistagenero.uff.br/index.php/revistagenero/article/viewFile/652/398>,
acesso em: 14/04/2016.

MAUAD, Ana Maria. Através da Imagem: Fotografia e História Interfaces. **Tempo**, vol.1, nº.2, p.73-98, Rio de Janeiro, 1996. Disponível em:

http://www.historia.uff.br/tempo/artigos_dossie/artg2-4.pdf, acesso em:
17/04/2016.

MAUAD, Ana Maria; MUAZE, Mariana. A escrita da Intimidade: história e memória no diário da Viscondessa do Arcozelo. IN: GOMES, Ângela de Castro (Org). **Escrita de si, escrita da História**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

MULLER, Dalila. **"Feliz a população que tantas diversões e comodidades goza"**: Espaços de Sociabilidade em Pelotas (1840-1870). Tese (Doutorado), Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS, São Leopoldo, 2010.

PERROT, Michelle. Práticas da memória feminina. **Revista Brasileira de História**, v. 9, nº. 18, p. 9-18, São Paulo: ANPUH, 1989.

RAGO, Margareth. **Entre a História e a Liberdade: Luce Fabri e o Anarquismo Contemporâneo**. São Paulo: Editora da UNESP, 2001.

REZENDE, Antonio Paulo. Freyre: as travessias de um diário e as expectativas de volta. IN: GOMES, Ângela de Castro (Org). **Escrita de si, escrita da História**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

SCOTT, Joan W. Preface a gender and politics of history. **Cadernos Pagu**, nº.3, Campinas/SP, 1994.

_____. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, v. 20, nº. 2, p. 71-99, Porto Alegre, 1995. Disponível em:

https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/1210/scott_gender2.pdf?sequence=1, acesso em: 16/04/2016.

ZIMMERMANN, Tânia Regina; MEDEIROS, Márcia Maria de. Biografia e Gênero: repensando o feminino repensando o feminino. **Revista de História Regional**, p.31-44, 2004. Disponível em:

<http://revistas2.uepg.br/index.php/rhr/article/viewFile/2194/1672>, acesso em: 02/10/2015.

Fontes documentais

Diário de Clarice Tavares Xavier (9 de maio de 1954 até 27 de fevereiro de 1955, Acervo pessoal da autora).

Revista Manchete, 17 de julho de 1954, nº117, Rio de Janeiro

Jornal A Opinião Pública, 1954, Pelotas.

***Recebido em Dezembro de 2015
Aprovado em Fevereiro de 2016***